O TOTALITARISMO NA ALEMANHA SEGUNDO HANNAH ARENDT

Luciano Oliveira Paulo Filho¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar o totalitarismo na Alemanha nazista sob a perspectiva de Hannah Arendt (1906-1975). Para entender a efetivação totalitária alemã é necessário realizar um panorama da Alemanha pré-totalitária e assim captar como foi a ascensão nazista ao poder com uma proposta redentora, que sanaria as turbulências financeira, moral e histórica ocasionada pela perda da primeira guerra. Assim sua elevação ao poder, se deu também por meio de um resgate da autoestima nacional alemã. O totalitarismo para Hannah Arendt, é um novo regime político, que se estabelece através da ideologia e do terror. Duas características que a autora traz para a compreensão desse fenômeno. A ideologia e o terror constituem o Estado totalitário alemão. Essa nova forma de governar é marcada pela superação de qualquer lei, ou seja, o governo totalitário é e está acima da constituição positiva, isto quer dizer, que quem declara como ele deve agir diante da sociedade é ele mesmo, gerando assim uma monstruosa autonomia. Outro ponto para a compreensão do totalitarismo na Alemanha é a expressão banalidade do mal. O mal se generalizou e tornando-o um perigo silencioso e letal. A banalidade do mal formulada por Arendt é tradicionalmente fundamentada na adesão do homem à maldade e a sua naturalização.

Palavras-chave: Totalitarismo. Alemanha. Banalidade do Mal. Hannah Arendt.

TOTALITARISM IN GERMANY BY HANNAH ARENDT

Abstract

This work aims to present totalitarianism in Nazi Germany from the perspective of Hannah Arendt (1906-1975). In order to understand the German totalitarian realization it is necessary to take a panorama of pre-totalitarian Germany and thus capture how the nazi rise to power was with a redemptive proposal that would remedy the financial, moral and historical turmoil caused by the loss of the first war and thus its elevation to power, this was also due to a rescue of German national self-esteem. Totalitarianism for Hannah Arendt, is a new political regime, which is established through ideology and terror. Two characteristics that the author brings to the understanding of this phenomenon. Ideology and terror constitute the German totalitarian state. This new way of governing is marked by the overcoming of any law, that is, totalitarian government is and is above the positive constitution, that is to say, that who declares how he should act before society is himself, thus generating a monstrous autonomy. Another point for the understanding of totalitarianism in Germany is the expression banality of evil. Evil has become widespread and a silent and lethal danger. The banality of evil formulated by Arendt is traditionally grounded in the adherence of man to wickedness and his naturalization.

Keywords: Totalitarianism. Germany. Banality of Evil. Hannah Arendt.

¹ Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Católica de Quixadá – Unicatólica.

INTRODUÇÃO

A politóloga Hannah Arendt nasceu em Linden, em Hannover, Alemanha em 14 de outubro de 1906, filha única do casal Paul Arendt e de Martha Cohn. Embora fosse proveniente de uma família de origens judaicas. Iniciou os seus estudos em Filosofia e Teologia por volta do ano de 1922 na Universidade de Berlim e em 1924 transferiu-se para a Universidade de Marburgo onde conheceu Martin Heidegger que viria a influenciar a sua vida não só no campo intelectual, mas também a nível afetivo. Arendt muda-se posteriormente para Heidelberg onde sob a orientação de Karl Jaspers conclui os seus estudos, realizando uma dissertação acerca do conceito de amor em Santo Agostinho.

Com a chegada de Hitler ao poder e toda a destruição humana provocada pelo nazismo, fez com que a mentalidade de Hannah Arendt desse uma virada focalizando em questões sobre o totalitarismo e política. A partir disso, ela começa a escrever livros que irão lhe colocar como uma das maiores pensadoras política do século XX, como: Origens do Totalitarismo (1951); A Condição Humana (1958); Eichmann em Jerusalém – relato sobre a banalidade do Mal (1963); dentre outros.

"Em sua vida e em sua obra Hannah Arendt viveu o sombrio século XX. Ao mesmo tempo, traduziu o esforço do pensamento para alcançar a compreensão da nossa época, em seus movimentos mais extremos e em suas bases mais profundas. Ela sempre dizia que buscava antes de tudo compreender. E a compreensão, em suas palavras, é "uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo"1Em sua vida e em sua obra Hannah Arendt viveu o sombrio século XX." (CORREIA, 2006, p. 1).

O século XX foi marcado pelos maiores horrores de toda história e tentar compreender os motivos que levaram há tudo isso não é tarefa fácil, mas Hannah Arendt em sua bravura, foi umas das poucas pessoas que realmente analisou o totalitarismo na Alemanha de forma imparcial, ou seja, a pensadora mostrou o que concretamente foi esse fenômeno e suas consequências na vida humana.

A ALEMANHA PRÉ-TOTALITÁRIA

A Alemanha pré-totalitária foi marcada pela derrota que obtive na *primeira* guerra mundial² (1914-1918), como consequência disso, teve que arcar com aquilo que o próprio país chamou de diktat (imposição), isso ficou conhecido mundialmente, como Tratado de Versalhes. Esse tratado resultou em várias punições formuladas pela liga das nações, que determinou que a Alemanha arcasse com todos os prejuízos da guerra.

Dentre eles vamos citar alguns: perda de territórios, grandes indenizações, limite militar, etc. Enfim, a situação alemã pós primeira guerra é de uma gigantesca crise econômica, civil e moral. Diante desse cenário que a Alemanha vivenciou, surgiu então, um dos homens mais perversos e mais conhecidos de toda a história, Adolf Hitler. A ascensão de Hitler ao poder foi gradativamente aumentando com o passar do tempo, mas somente em 1933 que foi ele chegou a liderança da nação alemã.

A instalação do partido nazista foi através de uma cultura de massa, isto é, formas de convencimento físicas e mentais, gerando uma uniformidade no povo e além disso, fazendo-o a nação acreditar fervorosamente, que o partido ia superar as crises ocasionadas pela perda guerra, ou seja, o nazismo é uma ideologia redentora. Outro fator importante, foi a reconquista da autoconfiança alemã, por intermédio racial elevando assim o poder nacionalista, que estava inundada nas turbulências sofridas do pós-guerra.

Diante desse cenário da ascensão de Hitler, Hannah Arendt nos lembra de algum importantíssimo para começarmos a entender o totalitarismo.

"A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ser mantido a liderança de tão grande população, sobrevivendo a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas". (ARENDT, 2012, p. 435).

A massificação intelectual do povo alemão, foi um forte componente na estrutura da ideologia nazista, pois Hitler e companhia encontraram uma Alemanha em decadência e principalmente, em uma perigosa neutralidade da população no que se

²"A Primeira Guerra Mundial (também conhecida como Grande Guerra ou Guerra das Guerras até o início da Segunda Guerra Mundial) foi uma guerra global centrada na Europa, que começou em 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918. Origem - Wikipédia, a enciclopédia livre.

refere à política. Todos esses fatores foram primordiais para a instauração do totalitarismo alemão, porque, diante da instabilidade, emerge uma proposta que no pensamento das pessoas, iam resolvidos boa parte dos problemas e resgataria a prestigio da nação.

O nazismo conseguiu de maneira até rápida, aflorar novamente o nacionalismo na Alemanha. Arendt nos aponta alguns aspectos que demostram isso; a doutrinação mental através da *propaganda*³, a imposição ideológica na educação, exaltação do povo alemão, afirmando que eles eram uma raça superior às demais, etc. Estabelecidos esses ordenamentos nazistas, surge então o totalitarismo na Alemanha.

TOTALITARISMO

O totalitarismo para Hannah Arendt, é um regime político novo, que se estabelece através da ideologia e do terror. Duas características que a autora traz para a compreensão desse fenômeno. A ideologia, que significa uma ideia que brota em um homem e é compartilhada por outras pessoas que aderem a essa mesma teoria, já o terror:

"O terror, enquanto expressão e executor da lei de movimento é o fabricador de uma humanidade incapaz de agir e de pensar na própria urgência de viver na comunidade política. E, ao fabricar essa nova humanidade incapaz, o governo totalitário está destruindo a possibilidade de o homem ser a encarnação viva da lei, porque tal homem continuará separado da autoridade que exige consentimento e obediência da lei". (CONCEIÇÃO, 2008, p. 2).

A ideologia e o terror constituem o Estado totalitário alemão. Essa nova forma de governar é marcada pela superação de qualquer lei, ou seja, o governo totalitário é e está acima da constituição positiva, isto quer dizer, que quem declara como ele vai agir diante da sociedade é ele mesmo, gerando assim uma monstruosa autonomia.

"Em vez de dizer que o governo totalitário não tem precedentes, poderíamos dizer que ele destruiu a própria alternativa sobre a qual se baseiam, na filosofia política, todas as definições da essência dos governos, isto é, a alternativa entre o governo legal e o ilegal, entre o poder arbitrário e o poder legítimo". (ARENDT, 2012, p. 613).

.

³ "A propaganda totalitária aperfeiçoou o cientificismo ideológico e a técnica de afirmações proféticas a um ponto antes ignorado de eficiência metódica e absurdo de conteúdo porque, do ponto de vista demagógico, a melhor maneira de evitar discussão é tornar o argumento independente de verificação no presente e afirmar que só o futuro lhe revelará os méritos." (ARENDT, 2012, p. 479).

O totalitarismo rompe com a tradição política e traz à tona uma dimensão manipuladora, ou seja, não existe relação do povo com o Estado, mas é presente um forte controle do governo sobre a população, provocando uma rígida contenção estatal na vida pública e privada da população.

Uma marca do totalitarismo é figura de um *líder*⁴, no caso da Alemanha a referência foi Hitler. A submissão da individualidade do povo alemão e o grande poder retórico de Hitler, foram fatores que o colocaram como salvador da pátria. Há um fato intrigante que Hannah Arendt fala sobre Hitler "(...) O único homem pelo qual Hitler sentia "respeito incondicional" era Stálin, o gênio (...). Dois dos personagens mais debatidos em toda história, ligados pelo "respeito".

Tanto Hitler como Stálin são responsáveis pelas maiores tragédias sangrentas do século XX, e como pano de fundo disso está o totalitarismo, o "interessante" é percebemos que o totalitarismo é uma forma de governo, por isso, podemos refletir como a política tem uma função importantíssima dentro da vida humana. E o mau uso do poder acarreta em uma enorme catástrofe social. Segundo Arendt:

"O habitante do Terceiro Reich de Hitler não apenas vivia sob a simultânea e frequentemente contraditória autoridade de poderes rivais, tais como a administração estatal, o partido, a SA e SS, como também nunca sabia ao certo, e nunca se lhe dizia explicitamente, qual autoridade deveria considerar acima de todas as outras. Tinha que desenvolver um sexto sentido para saber, a cada momento, a quem devia obedecer e a quem devia ignorar". (ARENDT, 2012, p. 537).

Dentro do sistema nazista existia os departamentos, onde os coordenadores exerciam um poder secundário, o principal era encabeçado por Hitler. Esses setores detinham um certo controle sob suas áreas, porém, na condição do povo alemão, eles tinham certo um problema de discernir, sobre quem eu realmente obedeço? Ou melhor, em quem posso confiar? Essas perguntas eram diariamente feitas pelos habitantes do Terceiro Reich.

É sobre aspecto também que surge o que Hannah Arendt chamou de terror. O terror é entendimento como a insegurança física e mental que o totalitarismo causa na sociedade, pois ele, tanto destrói a vida comum, no sentido social, como também a vida

⁴ "O líder, que é um outro elemento relevante nesse sistema, entra como realização de um desejo, ele assume em si um personagem que capitaneia os desejos da massa; ele se torna um modelo para a sociedade civil; passa a ter não somente seguidores, mas uma verdadeira escola de difusores de seus ideais, sempre em harmonia com os que ele representa, essa parcela da massa contemplada em suas ações". (NASCIMENTO, 2017, p. 13).

privada. A ideologia totalitarista entra em todas as estruturas da existência humana. Quando se trata do totalitarismo na Alemanha, um ponto é primordial para a compreensão do assunto: *a solução final*⁵.

A ideia da solução final foi formulada por Hitler para retirar o povo judeu da Alemanha, custe o que custar. Em um primeiro momento, os nazis capturaram algumas comunidades judaicas instaladas em território germânico e concentrara-o em pequenos guetos, e só mais tarde em campos de extermínios.

Certamente o que ficou conhecido como holocausto foi a maior catástrofe humana da história da civilização até hoje. Foram aproximadamente cerca de seis milhões de judeus mortos durante o período da segunda guerra mundial. Diante disso, podemos está pensando, por que os judeus? Por que eles foram escolhidos pelos nazistas para serem eliminados? A "resposta" que os nazistas alegaram foi que os judeus foram os responsáveis pela derrota da Alemanha na primeira guerra mundial e por isso estavam pagando com a vida, pela vergonha e decadência alemã.

Os campos de concentração é um espaço de confinamento onde os judeus e todas aquelas pessoas que eram contrários à ideologia nazista, como: ciganos, poloneses, comunistas, homossexuais, prisioneiros de guerra soviéticos, testemunhas de Jeová e deficientes físicos e mentais; eram mantidos em encarceramento sob o controle total do exército nazista. Hannah Arendt vai dizer que, uma das características dos campos de concentração é o *isolamento*⁶. Após o ingresso no campo de concentração, o indivíduo é como se ele deixasse de existir, pois a morte era uma certeza.

Quando falamos de totalitarismo na Alemanha em Hannah Arendt, um assunto não pode ficar de fora é a problemática do mal e a passagem que existe no pensamento de nossa autora que passa do mal radical para a banalidade do mal, que trataremos no próximo capítulo.

⁵Solução final ou solução final da questão judaica (do alemão Endlösung der Judenfrage) refere-se ao plano nazista de remover a população judia de todos os territórios ocupados pela Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial. Origem - Wikipédia, a enciclopédia livre.

⁶ "Enquanto o isolamento se refere apenas ao terreno político da vida, a solidão se refere à vida humana como um todo. O governo totalitário, como todas as tiranias, certamente não poderia existir sem destruir a esfera da vida pública, isto é, sem destruir, através do isolamento dos homens, as suas capacidades políticas." (ARENDT, 2002, p. 527).

BANALIDADE DO MAL

Em Origens do Totalitarismo (1951) Hannah Arendt ao realizar uma densa analise sobre o totalitarismo chegou à conclusão que, o mal é radical, todavia, essa expressão outrora, já foi formulada por Kant, ao qual entendia como um mal arraigado, ou seja, um mal que fixa suas raízes. Porém, a compreensão arendtiana de mal radical ganha outra conotação.

Mal radical é entendido por Arendt como um mal extremo, pois ele esmaga qualquer possibilidade de condição humana e principalmente, ele revelou que não existem limites para o mal, ou seja, ele não tem explicação. A própria autora admita que essa concepção de mal radical foi equivocada, uma vez que, ele é isento de profundidade.

O que Hannah Arendt compreendeu é que o mal radical habita entre nós, em nossa cotidianidade, quando nos submetemos passivamente aos ordenamentos burocráticos, administrativos, jurídicos, institucionais que enquadram, ou pretendem enquadrar, circunscrever a vida, a ação livre e responsável dos seres humanos em relação ao mundo como morada da condição humana.

"O abandono do termo mal radical se dará de forma definitiva através de uma nova percepção acerca do mal proporcionado pelos regimes totalitários desenvolvida em Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal (1963) " (RESENDE, 2015, p. 11). Seja banal, seja radical, o mal totalitário é sempre um desafio a nossa compreensão. É quase impossível entender sua motivação. Portanto, para entendê-lo é preciso analisar as consequências que por ele foram originadas.

A primeira vez que Hannah Arendt usou a expressão *banalidade do mal* ⁷foi em seu livro Eichmann em Jerusalém, referindo-se em especial à Eichmann.

"Foi um nazista entusiasmado, apenas mais um entre tantos milhares que viveram na época do Terceiro Reich, sob o comando de Adolf Hitler e que, de uma forma ou de outra, ajudaram direta ou indiretamente, nos horrores praticados durante a Segunda Guerra Mundial. O holocausto cometido contra judeus e contra todos os indesejados, certamente foi arquitetado e planejado

_

^{7 &}quot;Quando ela passa a utilizar a expressão "banalidade do mal", embora afirme estar em um nível "estritamente factual", já tem em mente grande parte das implicações teóricas que essa compreensão dos crimes perpetrados pelos regimes totalitários teria. Mas certamente não poderia esperar que a recepção fosse tão negativa e amplamente hostil. Arendt emprega a expressão pela primeira vez ao descrever o enforcamento de Eichmann, em 31 de maio de 1962". (CORREIA, 2013, p. 10)

pelo primeiro escalão da organização nazista, sendo certo que Eichmann nunca ocupou cargos além do terceiro escalão da estrutura de poder nazista, uma vez que seu nome jamais ocupou lugar de destaque durante o conflito" (SILVEIRA, 2012, p. 1).

Eichmann era tenente-coronel da SS, um dos maiores exércitos organizadores do holocausto, ele era responsável pelo o transporte em massa de judeus para os campos de extermínio da região leste dos locais ocupados pelos nazistas. Três fatos curiosos e importantes intrigaram Arendt sobre o Eichmann. Primeiro, Eichmann era um "bom funcionário", chegava cedo ao serviço, o outro, a sua incapacidade reflexiva, ele era programado a cumprir ordens, um burocrata que não questionava ou reclamava, apenas realizava o que lhe mandavam cegamente.

O terceiro ponto, Eichamann era uma pessoa "normal", "Meia dúzia de psiquiatras haviam atestado a sua "normalidade" – "pelo menos, mais normal do que eu fiquei depois de examiná-lo" (ARENDT, 1999, p. 37), esse aspecto foi decisivo para a formulação da expressão banalidade do mal, porque, até então, a ação do homem considerada má, era vinculada com atividades demoníacas ou distúrbios psicológicos.

Eichmann era diferente. Surge então um novo tipo de criminoso. O que espantou Arendt foi que as características pessoais de Eichmann, não encaixavam com os patrões anteriores de maldade do totalitarismo, brota então, uma "classe nova", onde pessoas comuns são capazes de realizar as mais horripilantes atrocidades e depois viverem cotidianamente tranquilas, como não tivesse acontecido nada.

No julgamento de Eichmann⁸, o que mais me levou a refletir, foi a seguinte afirmação: "Com o assassinato dos judeus não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não-judeu, nunca matei nenhum ser humano" (ARENDT, 1999, p. 33). Tecnicamente, Eichmann não era assassino, pois, sua função era gerir judeus para os campos de concentração, porém, seu trabalho foi importantíssimo para a morte de milhares de seres humanos.

Por isso, Arendt forma a frase banalidade do mal, o mal tornou-se comum, pessoas morrem, são terrivelmente massacradas e o sujeito não tem consciência do fato. O problema do mal banal em Hannah Arendt é profundamente atual, usando o nome de

⁸ "O julgamento de Eichmann era uma questão política, que envolveu o Governo do Estado de Israel, especificamente o Primeiro Ministro Ben-Gurion, que desejava ter um nazista julgado em público, perante um tribunal de Judeus, pelos crimes cometidos contra a humanidade durante a Segunda Guerra Mundial" (SILVEIRA, 2012, p. 3).

uns seus livros para definir a humanidade atual, temos Homens em tempos sombrios (1968), tempos que a descartabilidade é feroz e dignidade humana é frequentemente desvalorizada e colocada em planos secundários, pelos os próprios homens. Cada passo que se dá na implantação do domínio total é um passo que se dá na transformação da natureza humana, produzindo superfluidade nos indivíduos.

Um trecho do livro Eichmann em Jerusalém emocionante, é no epílogo quando Hannah Arendt escreve como se tivesse falando com o Eichmann e dá seu decreto a ele:

"Suponhamos, hipoteticamente, que foi simplesmente a má sorte que fez de você um instrumento da organização do assassinato em massa; mesmo assim resta o fato de você ter executado, e, portanto, apoiado ativamente, uma política de assassinato em massa. Pois política não é jardim-de-infância; em política, obediência e apoio são a mesma coisa. E, assim como você apoiou e executou uma política de não partilhar a Terra com o povo judeu e com o povo de diversas outras nações – como se você e seus superiores tivessem o direito de determinar quem devia e quem não devia habitar o mundo -, consideramos ninguém, isto é, nenhum membro da raça humana, haverá de querer partilhar a Terra com você. Está é a razão, e a única razão, pela qual você deve morrer na forca." (ARENDT, 1999, p. 301-302).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que apresentado sobre o totalitarismo na Alemanha segundo Hannah Arendt, o que mais impressiona é a lucidez e o destemor que a pensadora alemã teve sobre o fenômeno totalitário. A clarividência desses fatos ocorridos se dá, porque, Arendt sentiu na pele a crueldade que foram os campos de concentração, pois quando a França foi invadida pelos alemães, durante o período da segunda guerra, ela foi presa junta com seu marido Heinrich Blüche no campo de concentração de Gurs e em 1941 consegue escapar daquilo que ela mesmo chamou de "inferno".

E também o destemor da autora, porque, Arendt elaborou em sua primeira grande obra Origens do Totalitarismo, que lhe coloco em ascensão no cenário filosófico, uma belíssima contextualização histórica até chegar no totalitarismo, ela resolveu fazer isso para mostrar as raízes do fenômeno totalitário e também foi uma maneira de compreender os eventos presentes em seu tempo.

Esse artigo é baseado praticamente no próprio livro Origens do totalitarismo, mas especificamente na terceira parte, quando é abordado o tema do totalitarismo. As

outras partes que compõem o livro tratam-se do antissemitismo e do imperialismo, respectivamente.

A ideia que foi desenvolvida nesse artigo também foi uma estrutura histórica. Na primeira parte fiz uma introdução acerca da Alemanha pré-totalitária. Entender esse período é essencial para perceber como foi o surgimento do sistema nazista e sua ascensão ao poder. Na segunda parte do texto abordamos algumas características que na concepção de Hannah Arendt são importantes para entender o totalitarismo, como: Ideologia, Terror, Isolamento, dentre outras.

E na última parte apresentamos o que Hannah Arendt quis dizer, quando ela formulou a expressão *Banalidade do Mal*. Portanto, optei por progredir o assunto do totalitarismo na Alemanha sobre uma perspectiva histórica e também dentro da ordem no pensamento da autora.

Uma das serventias que podemos retirar sobre estudar o totalitarismo na Alemanha, é olhar tudo que aconteceu, com todos os seus horrores e todas as destruições: humana, moral, histórica, etc. E tomarmos todo o cuidado para isso não acontecer de novo. Arendt nos adverte que aonde tem massas, tem a possibilidade de surgir novos regimes totalitários.

Para Hannah Arendt, existem formas de evitar a massificação social, como a participação política efetiva no espaço público, que é aquilo que a pensadora entende como aparência. "Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos os outros e por nós mesmos – constitui a realidade. " (ARENDT, 2010, p. 61). Ou seja, o aparecer em Arendt é o que dá individualidade ao homem, que é diferente de individualismo. O conceito de aparência é efetivar a autenticidade humana em sua dimensão prática.

Um outro aspecto para combater o totalitarismo e a alienação humana, segundo Hannah Arendt é a categoria do pensamento. O pensamento é classificado dentro daquilo que Arendt chama de *Vita Contemplativa*, que corresponde a parte espiritual humana. O pensamento para a pensadora é um diálogo interno que o próprio sujeito tem consigo mesmo. O pensar oferece ao homem a sua particularidade, por isso é um forte combatente contra o totalitarismo. Já que o totalitarismo destrói o particular humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo, revisão técnica: Adriano Correia. – 11. ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CONCEIÇÃO, Maria. Ideologia e Terror: a configuração do totalitarismo em Hannah Arendt. Saberes Interdisciplinares, v. 2, p. 183-198, 2009.

CORREIA, Adriano. Arendt e Kant: banalidade do mal e mal radical. Revista Argumentos, ano 5, n. 9 - Fortaleza, jan. /jun. 2013.

CORREIA, Adriano. Hannah Arendt (1906-1975). Revista Ética & Filosofia Política v. 9, n 1, junho/2006).

NASCIMENTO, Francisco. Totalitarismo como violência em Hannah Arendt. Contemplação - Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II, v. 15, p. 1-18, 2017.

RESENDE, Gutierrez. O problema do mal na obra origens do totalitarismo, de Hannah Arendt. Sapere Aude, v. 6 – n. 12, p. 852-867, 2015.

SILVEIRA, Fernando. O Sentido da Maldade na Obra Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal de Hannah Arendt. Revista Virtual Direito Brasil - v. 6 - n 2 - 2012.

VICENTE, José. Hannah Arendt: Antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. Ensaios Filosóficos, v. 6, p. 143-154, 2012.